

DIDÁTICA E PERSUASÃO: UMA ANÁLISE RETÓRICA DA DIDÁTICA MAGNA DE COMÊNIO

Ana Paula Augusto Queiróz Silva Neves¹

RESUMO: Este trabalho inscreve-se no campo dos estudos retóricos, que visam discutir a função pedagógica da retórica como um instrumento eficiente de persuasão e uma forte aliada para o professor, na sua ação pedagógica, desde que compreendida fora da etiqueta platônica. Em nossa pesquisa, tomamos uma de suas ferramentas: as figuras e, de modo mais específico, a metáfora e a analogia, para entender como um discurso, o de Comênio, que nega o recurso da retórica, é pleno de suas estratégias.

Palavras-chave: Didática. Educação. Retórica. Analogia. Metáfora.

INTRODUÇÃO

Este artigo expressa um exercício de análise, inserindo-se no campo da Retórica, compreendida como uma ferramenta de análise e construção dos discursos. Esforçamo-nos por defender a idéia de que Retórica e Didática não estão separadas, ambas estão preocupadas com a persuasão. A expressão deste esforço aparece, particularmente, no último item deste artigo, quando apresentamos uma análise retórica do texto de Comênio, *Didática Magna: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*. Nosso estudo está vinculado às pesquisas de Pimenta (2015). Em seu artigo *A função pedagógica da retórica: a racionalidade que negocia distâncias*, a autora defende a função pedagógica da retórica, expressando-se do seguinte modo:

Na sistematização que Aristóteles realiza acerca do campo da retórica, vemos uma investigação sobre a relação do orador, objeto do discurso e ouvinte, bem como dos três gêneros de discurso público: o judiciário, o deliberativo e o epidíctico e, conhecemos também uma análise das condições psicológicas, éticas e políticas a respeito das quais um orador pode despertar não somente o interesse a respeito de uma dada questão, mas, além disso, pode negociar a distância entre os indivíduos sobre essa mesma questão, tal como nos sugere Meyer (2007). É aqui, no âmbito das negociações, que os professores também precisam se reconhecer e cabe à Filosofia da Educação, além de provocar

¹ Especialista em Atendimento Educacional Especializado- Faculdade Dynamus de Campinas (Fadyc); Especialista em Gestão Escolar Integradora- Faculdade Dynamus de Campinas (Fadyc); Especialista em Docência do Ensino Superior- Faculdade Dynamus de Campinas (Fadyc).

reflexões sobre os fins da educação, investigar os modos pelos quais professores e alunos negociam distâncias, para se fazerem entender.

A retórica comporta, segundo Reboul (2000), quatro grandes funções: a função persuasiva, a função hermenêutica, a função heurística e, finalmente, a função pedagógica. Nesta última, o relevante é que a retórica, com as ferramentas que ela comporta, ensina-nos que o discurso persuasivo implica a compreensão e a possibilidade da invenção (descoberta) dos argumentos mais fortes, portanto, mais persuasivos.

Assim, quando um professor estabelece um plano de ação, encadeia argumentos de modo coerente, cuida do estilo, encontra as melhores construções argumentativas e as figuras mais adequadas e fala com entusiasmo, a questão que podemos fazer é: essas ações não são próprias da retórica? Defendemos que o estudo da função pedagógica da retórica permite ao professor explorar esta racionalidade e técnica em todas as suas potencialidades formativas e humanas, pois “(...) aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser” (REBOUL, 2000, p. XXII).

Considerando a relevância de atentarmos para a função pedagógica da retórica, conforme nos alertou Pimenta (2015), na última parte deste artigo mostramos o quanto Comênio fez uso de estratégias retóricas para persuadir seu leitor. Na primeira parte, dialogamos com alguns autores que discutem a Didática como um campo tão profícuo para a educação, entretanto, não encontramos referências, nesta conversa, à retórica e, na segunda parte, apresentamos um percurso histórico da Retórica e mostramos as ferramentas das quais fizemos uso para a análise da *Didática Magna*.

I-Uma conversa sobre Didática

No livro *O processo didático*, de Carvalho (1974), no capítulo intitulado O ensino como orientação da aprendizagem, a autora afirma que o profissional da educação deverá conduzir sua prática com os objetivos imediatos submetidos aos objetivos gerais, tendo clareza de quais sejam as finalidades educativas a serem atingidas. Neste processo, o profissional deverá estabelecer relações que possibilitem aos estudantes situações de incentivo da aprendizagem, cabendo ao professor, ser o responsável por motivar o aluno, em todo o processo educacional, motivando-o a participar com entusiasmo das atividades e vivências, até mesmo na fase de verificação de aprendizagens, ou seja, nas avaliações.

Já no capítulo “Educação e comunicação”, a autora nos mostra que a interação social é um pressuposto para uma comunicação, é neste transmitir de ideias que o profissional que estiver à frente do processo educacional se torna capacitado para

formar ideias e atitudes. Através da comunicação, ele poderá influenciar, produzindo reações. A comunicação afeta e desenvolve a inteligência através da transmissão de informações e sensibiliza o aluno através de valores sociais, estéticos e éticos.

A autora esclarece que para haver uma boa comunicação, aquele que se presta a falar algo, deve ter boa capacidade para expressar; capacidade para concatenar bem as ideias. Além disso, deve-se ter em mente quais são os aspectos e normas culturais vigentes, para se ter clareza se estes são facilitadores ou dificultadores para a comunicação. Em uma situação de ensino-aprendizagem, é necessário que o professor conheça o repertório vocal dos alunos, pois se a mensagem, seja por seu conteúdo ou forma verbal, estiver acima da capacidade dos alunos, a mensagem ficará prejudicada, pois não encontrará terreno fértil.

Além dessas considerações, a autora nos diz que é muito importante o orador ter uma percepção confiante de si mesmo, para com o receptor da mensagem e para com a mensagem. Ou seja, deve haver uma auto-avaliação positiva desses três elementos; outra questão é a de ter um conhecimento aprofundado sobre o assunto da mensagem, sabendo a forma como se deve falar e para quem está se falando, para que, deste modo, o conteúdo da mensagem possa ser trabalhado na sua totalidade, ao passo que os receptores da mensagem compreendam o que se quer dizer.

No livro *Didática: aprender a ensinar*, de Ilza Martins Sant'Anna e Maximiliano Menegolla (1991), verificamos reflexões a respeito dos professores que produzem despertamentos, além disso, os autores nos dizem sobre as competências básicas para ensinar. Para tanto, um bom professor deverá dialogar e problematizar, deverá ser um professor que conscientiza, que facilita o pensamento, a tomada de decisões e, por fim, o professor que se comunica.

Segundo o texto, o despertamento se refere à capacidade do professor, através da sua fala, conseguir proporcionar aos que o ouvem descobertas, problematizando os dilemas e conceitos que nos cercam, pensamentos e atitudes que nos formam e nos constituem como sujeitos. É o despertar para uma nova vida, através de novas possibilidades, vislumbres e novos sonhos.

O diálogo problematizador diz respeito à problematização das reações que um

determinado conhecimento produz na realidade concreta, seja ele o conhecimento ou conteúdo que for. Questiona-se sobre o processo desta tomada de consciência, sobre a relação estabelecida entre educador-educando, interroga-se sobre a metodologia e métodos empregados e se estes possibilitam o despertar das consciências. Como o professor pode desenvolver nos alunos amplas visões sobre as diversas concepções de um determinado conteúdo?

O desenvolvimento do pensamento é uma consequência do ensino proposto por este professor. Através dos processos de despertamento e diálogos problematizadores, o professor possibilitará o desenvolvimento das habilidades do pensar, aprimorando as capacidades cognitivas dos alunos. Sendo essas as situações que devem mover o professor, que se preocupa com um real processo de formação de seus alunos.

Os autores levantam a questão: a passividade que por vezes lidera os povos, fazendo-os renunciar ao protagonismo em dirigir suas próprias vidas, delegando seu futuro em mãos estranhas, não seria o condicionamento ativo da obstrução sucessiva de ausência de decisões? Pois bem, um professor que possa facilitar a tomada de decisões, deverá mostrar aos alunos que tomar decisões significa escrever o seu próprio destino. O professor facilitador de pensamentos ensina os alunos a analisar as situações, ensina os alunos a serem seres determinantes de suas respectivas existências, determinantes de sua existência.

Para robustecer nossa conversa, encontramos no livro *Ensino: sua técnica, sua arte*, de Ruy Santos Figueiredo (1967), particularmente nos capítulos 2 e 3, respectivamente intitulados de Liderança e A Arte de Falar, uma perspectiva do autor, primeiro sobre a liderança do professor, que no decorrer de sua profissão exerce papel efetivo de liderança, considerando que o seu papel consiste em conduzir os indivíduos, apresentando conteúdos e formas de pensar.

Deste modo, é imprescindível que haja um constante melhoramento de suas próprias condutas a fim de se formar em excelência como um líder.

O autor traz a definição de lideranças autocrática ou democrática. Aquela se refere a um líder que dita as regras e funções. Ele impõe sua vontade sobre o grupo. Já a liderança democrática é pautada em uma liderança comunicativa e participativa, onde as

tomadas de decisões são feitas de modo conjunto, tendo a figura do líder como facilitador e articulador.

Ainda no texto, o autor nos diz que há líderes que conseguem influenciar diretamente no comportamento do outro, e há a liderança que influencia de forma indireta, através de feitos notáveis para uma sociedade e, deste modo, podem influenciar toda uma cultura, transformando comportamentos diretamente ao passo que aperfeiçoam e modificam todo um padrão de conduta para além do tempo presente.

O leitor deste capítulo encontrará algumas características de personalidades para uma boa liderança, seja ela em qualquer campo: Energia e saúde física e mental; Força de Vontade – tenacidade, para uma eficiente execução; Decisão – resolução, no que diz respeito ao coração e conhecimento de ação; Coragem moral, de assumir e sustentar suas responsabilidades; Honra-Dignidade; Caráter-integridade; Capacidade administrativa; Capacidade de diagnosticar situações humanas. Além destas características, é mister citar atitudes e tratos que um bom líder deve manejar, tais como: a persuasão, exortação, motivação, prestígio, sugestão, exemplos, publicidade e informação e afirmação e repetição. Um líder deverá saber influenciar, incentivando condutas, posturas e atitudes, mudando a forma de ver e de estar no mundo.

1799

Para tanto, o líder deverá se pautar em fatores hábeis existentes na persuasão, influenciando através da razão e pela exortação, com inúmeros estímulos vívidos e sólidos, motivando e reforçando condutas positivas. O prestígio diz respeito à afeição. Para o líder é imprescindível tê-lo, pois, assim, haverá por parte de seus liderados uma predisposição para se deixarem influenciar.

Caberá ainda ao líder exercitar as sugestões do grupo, dando abertura para o grupo exporem suas sugestões. Já a publicidade e informação representam as possibilidades de deixar público ao grupo as ideias e informações pertinentes, o que possibilita a formação da sensação de pertencimento, integração e fortalecimento do sentimento de equipe, e para finalizar, tem-se a afirmação e repetição de fatos, ideias e ou opiniões de outros, o que poderá produzir um efeito positivo, impressionando os que ouvem.

Para o autor, existem, ainda, elementos que permitem ao líder delimitar sua conduta no desenrolar dos enfrentamentos das várias situações que lhe serão colocadas, sendo denominados de deveres, tais como: Expedir ordens; Elogiar e louvar; Obter sugestões; Organizar e fortalecer o espírito de equipe; cuidar da adaptação dos novos elementos; selecionar tarefas e indivíduos; inspecionar; manter e fortalecer a disciplina e o moral do grupo; afastar falsos rumores e, por fim, censurar (compelindo e punindo). Cabe ao líder despertar nos que o cercam comportamentos e atitudes, deste modo caberá ao líder exercitar e impor pela força da razão e de suas próprias atitudes influências, lembrando que suas próprias condutas serão copiadas pelos seus liderados.

No capítulo 3, A arte de Falar, encontramos um compêndio de instruções para quem deseja expressar-se bem, influenciar e entusiasmar. Este deverá manejar a palavra, se lapidando e se esforçando através de estudos e práticas para falar bem, e, desta forma, possuirá poder de liderança e posição de destaque. Para tanto, faz-se necessário entender e conhecer os princípios e utilidade da *califasia*, que significa a beleza da palavra: moral, social, estética, intelectual e pedagógica.

Para o autor, quem manuseia a palavra, conseguindo expor seus raciocínios com destreza, certamente alcançará melhores condições sociais. A utilidade estética, diz respeito ao controle e domínio do tom de voz, da pronúncia correta, expressiva, agradável, o que traz elegância e beleza para as palavras. Se a palavra é um veículo do pensamento, quanto mais a utilizarmos, mais estaremos aperfeiçoando nossa capacidade intelectual, desenvolvendo uma melhor capacidade de transmissão do pensamento.

A utilidade pedagógica nos diz sobre qual seja o melhor modo, a didática mais apropriada para dar forma ao que queremos transmitir, de modo que o que se pensa, seja o que se fala, e os que a ouvem possam recebê-la, interpretá-la e compreendê-la de uma forma fiel e eficaz ao que foi inicialmente pretendido.

Os vícios de dicção e de voz podem oferecer infortúnios e empecilhos para a moral dos que desejam fazer uso do bem falar, devendo, portanto, ser intensivamente ajustados, seja através de especialista médicos, seja através de exercícios vocais.

A palavra, portanto, deve ser pronunciada de forma correta, distinta, expressiva e agradável, tanto no timbre, como ritmo, tonalidade, intensidade. Evitando alterações

vocabulares, tais como acréscimo, permuta, omissão, vulgaridade, pedantismo. Procurando adequar o uso do vocabulário de acordo com o auditório. Caso se faça necessária a leitura de um texto em voz alta, que o seja feito com inflexões de vozes, treinando a expressividade, interpretando o pensamento de quem escreveu, contudo, sendo natural o tom de voz e com velocidade de leitura calma.

Por fim, a postura e a gesticulação dos professores possui aqui significativa importância na influência, na ênfase e na expressividade da palavra. Uma boa postura, isto é, uma postura de empatia com os que nos ouvem, diz respeito a autoconfiança, com fisionomia expressando de modo adequado suas ideias. Os movimentos e gestos devem ser naturais, espontâneos, oportunos e ajustados ao estilo, servindo de complemento ao que é dito. Para finalizar, é preciso ter cuidado com os movimentos bruscos para que estes não sirvam ao contrário do proposto, fazendo com que os alunos se distraiam.

Quando estamos inseridos no campo da retórica, vemos, de modo extraordinariamente coincidente, noções que são tão caras para o campo da Didática o serem também para a retórica. A expressão desta afirmação aparece no modo como os autores acima referidos lidam com as características e elementos didáticos que ajudam o professor a ser professor. Para explicar melhor o que acabamos de dizer, passaremos para o segundo item deste texto, no qual apresentamos elementos que nos permitem compreender a proximidade entre Didática e Retórica.

II-As ferramentas para a realização de uma análise retórica

Oliver Reboul (2000), filósofo da educação francês, apresenta-nos, em sua obra *Introdução à Retórica*, um estudo sistemático sobre a retórica.

Inicialmente, a ideia é a de apresentar a história da retórica, mostrando seu surgimento e situando-a de acordo com grandes nomes que despontaram na área, tanto na prática, quanto na teoria. Neste sentido, Reboul nos diz que a retórica é uma invenção grega, com origem judiciária. Primeiramente com a técnica retórica, que possibilitava defender qualquer causa e qualquer tese, e, posteriormente, inventaram a

teoria da retórica. Seu desenvolvimento obteve contribuições de Córax, Górgias, Protágoras e Isócrates.

Coráx e seu discípulo Tísias publicaram a “Arte da Oratória”(Tekné Rhetorikê), definindo a retórica como criadora de persuasão, o que permite surgir o chamado argumento coráx. Segundo Reboul (2000), consiste em dizer que uma coisa é inverossímil por ser verossímil demais. Reboul nos diz que os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo, objeto de um ensino sistemático e global que se fundava numa visão de mundo. Portanto, os princípios fundamentais da arte da argumentação, desenvolvida pelos sofistas, era a de persuadir, usando ou não a verdade. Para Reboul, a retórica dos sofistas relacionava-se primordialmente na investida de fazer com que o verossímil (aquilo que pode ser verdadeiro, ou que parece verdade) concebesse passando pelo verdadeiro, constituindo-se assim fortes os argumentos, para qualquer debate.

O sofista Górgias inaugura uma retórica estética e propriamente literária. Representa um dos fundadores do discurso epidíctico, que seria um elogio público, cria uma eloquente fala, com muitas figuras de palavras: “assonâncias, rimas, paronomásias” e de “frases com figuras de sentido e pensamentos. Dize-nos Reboul que Górgias pôs a retórica a serviço do belo, tanto utilizou-se do rebuscamento em sua fala que em referência a seu nome, criou-se o verbo gorgiaz-o, como sinônimo de grandiloquência. Já Protágoras, fundou a erística, que significava na antiguidade grega, arte ou técnica da disputa argumentativa no debate filosófico, desenvolvida sobretudo pelos sofistas, e baseada em habilidade verbal e acuidade de raciocínio, buscando unicamente a vitória de uma discussão contraditória, partindo do princípio de que a todo argumento pode-se opor outro, que qualquer assunto pode ser sustentado ou refutado. Protágoras partia do princípio de uma relativismo pragmático, pois a cada um pertence a sua própria verdade, não havendo outro critério de verdade a não ser o que seja mais verossímil.

Já Isócrates defendeu a retórica como sendo a própria filosofia, considerando a retórica de um modo mais moral. Numa tentativa de moralizar a retórica, defendia que a retórica só seria aceitável se estivesse a serviço de uma causa honesta e nobre. Ele

acreditava que o orador deveria ter aptidões naturais para a oratória, se as tivesse seria possível melhorar, com prática constante e um ensino sistemático.

Platão, como nos mostra Reboul, exerceu duras críticas à retórica. Para ele, se não se pode colocá-la como verdade, como ciência ou como justiça, não teria poder para nada, por desconhecer o que é verdadeiro.

Aristóteles, por sua vez, reabilita a retórica considerando-a útil, pautada em argumentos coesos, com silogismos implícitos e ou entimemas. Além disso, a coloca como o poder de defender-se, ao contrário dos sofistas que a colocavam como o poder de dominar. Para este filósofo a retórica seria a arte de achar os meios de persuasão que cada caso comporta. Conforme Reboul, a retórica só é exercida em situações de incerteza e conflito, em que a verdade não é dada e talvez jamais seja alcançada senão sob a forma de verossimilhança, onde nunca é possível a ciência perfeita, mas onde existe o provável, o verossímil.

Cícero e Quintiliano consideraram, tal como nos mostra Reboul, a retórica como arte funcional, ambos acreditavam que a retórica deveria estar presente na educação do homem desde sua primeira infância, como uma educação completa. Pode-se dizer que Quintiliano abriu o campo do ensino retórico, pois incluiu nele a gramática e a dialética como técnicas de argumentação. Observa-se que não foi em decorrência do cristianismo que a retórica declinou, pois, ao contrário, para sua propagação foi preciso, além da fé, grande sabedoria, eloquência e, claro, poder em persuadir novos fiéis.

Apesar de ter vencido a Idade Média, é no Renascimento que seu declínio se instaura, quando há a separação da dialética (arte de argumentação racional) da retórica, reduzindo esta última à condição de estudo de eloquência. Além disso, Descartes destrói os pilares da retórica e da dialética, impossibilitando a argumentação contraditória e probabilista. Os empiristas ingleses disseram que os artifícios verbais, utilizados pela retórica, só faziam distanciar a verdade.

Ainda como responsáveis por seu declínio, inscrevem-se o Positivismo e o Romantismo, aquele a descarta completamente, pois não se caracteriza como uma verdade científica, já este a rejeita em nome da sinceridade. Reboul, contudo, apresenta-nos a retórica tal como uma fênix, a retórica que ressurgiu. Reboul nos fala a respeito dos

autores que contribuíram para as perspectivas atuais da retórica, especialmente Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, colocando-a novamente na teoria do discurso persuasivo, com a argumentação do verossímil, contudo deixando de reconhecer os aspectos afetivos (encanto e emoção) da Retórica, mas trazem à luz algo que havia sido delegado às trevas.

Também é prioridade de Reboul tratar do aspecto argumentativo da retórica. Segundo Reboul, entre a demonstração científica ou lógica e a ignorância pura e simples, há todo um domínio da argumentação. Para ele, a retórica é composta da argumentação e da oratória, e nos revela as cinco características da argumentação. Para tanto, define argumento como sendo uma proposição destinada a levar à admissão de outra. Para ele só se pode definir a argumentação a partir do argumento, pois alguns seriam demonstrativos, já outros argumentativos. O que distingue estes últimos do primeiro seriam cinco características: 1) o fato de se dirigir a um auditório, ou seja, sempre se argumentará para alguém, ou para alguns; 2) expressar-se em uma língua natural, ou seja, expressar-se de modo e com estratégias linguísticas, com expressões e normas naturais àquele auditório. 3) as premissas são verossímeis, será necessário trabalhar com premissas que pareçam verdades para o auditório em questão. 4) a progressão do argumento depende do orador, e cabe a ele concatenar seus argumentos, dos fracos aos mais fortes, construindo uma teia de raciocínio para que o auditório seja convencido e persuadido para uma mesma conclusão. 5) As conclusões são sempre contestáveis e devem possuir maior riqueza que as premissas apresentadas, elas têm por objetivo encerrar o debate, contudo, o auditório possui o direito de não aceitá-las, por isso a conclusão será sempre controversia.

Como se pode notar, esta seqüência de características em nada está distante daquilo que, em geral, um professor, em sala de aula, recorre quando o que está em questão é o aspecto didático de sua prática pedagógica, tal como mostramos ao apresentar aspectos da didática na primeira parte deste artigo.

Na seqüência de nossa apresentação das ferramentas para a análise retórica, chegamos no ponto que, neste trabalho, é central: as Figuras. Reboul nos apresenta este recurso que não é apenas de estilo, mas também criador de sentido, colocando-o a

serviço da retórica, somente quando desempenha papel persuasivo. Cada uma das figuras deve ser entendida como estratégia persuasiva, tanto em textos quanto no próprio discurso.

Para a consecução desta pesquisa, nosso objetivo geral foi analisar o texto de Comênio, para mostrar que, mesmo não revelando ou não reconhecendo a necessidade de utilização de estratégias persuasivas/retóricas, o texto *Didática Magna* está repleto delas. Portanto, se ao tempo que aqui defendemos que a Didática não pode prescindir da Retórica, pois nesta reside o anseio de persuadir o outro, característica que pertence ao campo da Didática, também nos esforçamos por realizar um exercício de análise que explicitou estratégias retóricas de um texto que argumenta a favor de uma didática universal, pretensão que já no subtítulo: *Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, recorre a uma estratégia retórica que a de apelar para o *lugar do único, do essencial, do universal*.

Optamos por realizar uma pesquisa teórica que nos mostrasse as metáforas/imagens que Comênio utiliza para falar de sua *Didática*. Também ficamos atentas às analogias. Dentro do campo da retórica, as figuras são recursos funcionais que permitem nos expressarmos de modo simultaneamente livre e codificado. Livre no sentido de que não somos obrigados a recorrer a elas para comunicarmo-nos. Codificado, porque cada figura constitui uma estrutura conhecida e transmissível. Conforme Reboul (2000), a expressão “figuras retóricas” não é um pleonasma, pois existem figuras não retóricas, que são poéticas, humorísticas. A figura só é retórica quando desempenha papel persuasivo, por exemplo, “A religião é o ópio do povo”.

Quando os antigos falam das figuras, em específico aqueles que acabaram compreendendo a retórica única e exclusivamente como oratória, os oradores romanos, é para evocar o prazer que elas proporcionam. A figura seria, portanto, uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento. Para a retórica, as figuras têm função argumentativa e podem ser classificadas da seguinte maneira: figuras de palavras, como o trocadilho, a rima, que dizem respeito à matéria sonora do discurso; figuras de sentido, como a metáfora, que diz respeito à significação das palavras ou dos grupos de palavras; figuras de construção, como a elipse ou a antítese,

que dizem à estrutura da frase, por vezes do discurso, e as figuras de pensamento, como a alegoria, a ironia. Em nossa pesquisa analisamos o discurso de Comênio, considerando as figuras de sentido, em especial, a metáfora.

As figuras de sentido consistem em empregar um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual, por exemplo, “O olho escuta...”, esta estranha metáfora de Claudel, Segundo Reboul (2000), poderia levar a pensar em “desvio”, transgressão da norma lexical segundo a qual o olho deve enxergar e não se intrometer no serviço dos vizinhos.

Em outras palavras, a figura de sentido desempenha papel lexical; “já disse mil vezes”. A palavra “mil” perde o sentido quantitativo para expressar algo como: já disse vezes demais... A hipérbole cria o sentido.

Inversamente, por falta de referências culturais, uma figura pode ser incompreensível; torna-se então enigma, mas aí deixa de ser retórica. Podemos dizer da figura de sentido, argumenta Reboul (2000), aquilo que Aristóteles dizia da metáfora, isto é, deve ser clara, nova e agradável, como o enigma que se tem a alegria de desvendar.

A **metáfora** designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança. Diz-se que a metáfora é uma comparação abreviada, que substitui o “é como” por “é”: Ela é (bela como) uma rosa; O olho (olha como se) escuta. Se esta se referir a realidades homogêneas, sua abreviação não redundará em metáfora: Pedro é (alto como) um gigante; João é (baixo como) um anão. Trata-se de hipérbolos por meio de sinédoques. É o mesmo se eu disser: esta água está (fria como) uma pedra de gelo.

Em resumo, se desenvolvermos a metáfora e mostrarmos seu “como”, teremos uma figura de comparação especial. Por exemplo, “Ela canta como um rouxinol”. O **símilé** como a metáfora que dele deriva, se for usado inesperadamente dará origem à comicidade: bonita como um avião, falada como a torre de Pisa. Sua criatividade permite entender o poder argumentativo da metáfora, diz-nos Reboul (2000).

Postas as considerações anteriores sobre a metáfora, chegamos ao estudo de Egle Becchi (1994), intitulado *Retórica de Infância*. Esta autora nos revela que a infância nasce

e existe "para outro". Falar de infância significa concebê-la como uma construção social histórica e dinâmica, que se altera ao longo da história da sociedade. É relacional à medida que sua configuração se constrói em consonância com o que ela não é, um não-adulto. Somos adultos falando da infância, da criança, atribuindo-nos, por vezes, o direito ou dever de falar por ela.

A infância é fase, momento passageiro de “tornar-se ser”, um “ser” que é pressuposto das metáforas de crescimento. Concebemos a criança como um ser passivo, um vir a ser, tabula rasa, rastro vergonhoso de nossa natureza corrupta e animal, inocência em forma humana. Ou seja, as crianças são, neste caso, dentro do modo como os adultos as interpretaram, por muitos séculos, falaram delas, “Outros”, como fonte de todo mal, cabendo à educação regular e dominar sua natureza corrupta. (BECCHI, 1994).

Nas representações metafóricas da infância, e, no caso de nossa pesquisa, no texto de Comênio, encontramos dezenas delas. As metáforas mais frequentes inferidas no cotidiano escolar referem-se quanto à possibilidade de uma educação como uma luta e da infância como campo de batalha entre o espírito do bem e o do mal. O papel do educador é associado ao agricultor, ao jardineiro, ao oleiro, ao escultor e ao pintor. O ato de educar significa, portanto, estar em alerta.

Para demonstrar o que acabamos de expor, acerca da riqueza metafórica que há em nossos discursos e, em particular nos educacionais, passaremos para o último item deste artigo que é a análise do texto de Comênio, *Didática Magna: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*.

III-Análise retórica da *Didática Magna: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*

Nossa pesquisa encaminha-se, agora, efetivamente, para a análise do tratado de Comênio. A referida análise tomará como ferramentas aquelas fornecidas pela retórica. De modo particular, examinaremos as principais metáforas e analogias expressas no discurso de Comênio, utilizadas para sustentar a defesa de uma didática universal.

Optamos por revelar as metáforas e analogias especificamente dos capítulos onde o autor se refere ou trata de questões relativas ao ensino, à escola, ao universo

educacional, preocupação que, sendo um tratado de didática, perpassa por todo o texto. Considerando que este mesmo texto está eivado de muitas imagens, nossa pretensão não foi a de sermos exaustivas na apresentação de todas as metáforas e analogias, visto que em muito elas se originam do mesmo domínio, a natureza, sendo construídas de modos diversos, portanto, optamos por mostrar aquelas que, na nossa avaliação, são mais expressivas.

Iniciar a análise a partir do capítulo V diz respeito ao fato de que no início do tratado há um discurso, até pelo menos o capítulo IV, no qual Comênio se esforça por defender sua fé, seu credo e os dogmas deste credo. Na perspectiva de ser um trabalho preocupado em revelar o discurso educacional de Comênio, nossa análise concentrar-se-á a partir do capítulo V.

O Tratado é composto de trinta e três capítulos, a saber: Capítulo I-O homem é a mais alta, a mais absoluta e a mais excelente das criaturas; Capítulo II- O fim último do homem está fora desta vida; III. Esta vida não é senão uma preparação para a vida eterna; IV. Os graus da preparação para a eternidade são três: conhecermo-nos a nós mesmos (e conosco todas as coisas), governarmo-nos e dirigirmo-nos para Deus; V. As sementes destas três coisas (da instrução, da moral e da religião) são postas dentro de nós pela natureza; VI. O homem tem necessidade de ser formado para que se torne homem; VII. A formação do homem faz-se com muita facilidade na primeira idade, e chego a dizer que não pode fazer-se senão nessa idade; VIII. É necessário, ao mesmo tempo, formar a juventude e abrir escolas; IX. Toda a juventude de ambos os sexos deve ser enviada às escolas; X. Nas escolas, a formação deve ser universal; XI. Até agora, não tem havido escolas que correspondam perfeitamente ao seu fim; XII. As escolas podem ser reformadas; XIII. O fundamento das reformas escolares é a ordem em tudo; XIV. A ordem perfeita da escola deve ir buscar-se à natureza; XV. Fundamentos para prolongar a vida; XVI. Requisitos para ensinar e para aprender, isto é, como se deve ensinar e aprender para que seja impossível não obter bons resultados; XVII. Fundamentos para ensinar e aprender com facilidade; XVIII. Fundamentos para ensinar e aprender solidamente; XIX. Fundamentos para ensinar com vantajosa rapidez; XX. Método para ensinar as Ciências em geral; XXI. Método para ensinar as Artes; XXII. Método para

ensinar as Línguas; XXIII. Método para ensinar a Moral; XXIV. Método para incutir a Devoção ou Piedade; XXV. Se realmente queremos escolas reformadas segundo as verdadeiras normas do autêntico Cristianismo, os livros dos pagãos, ou devem ser afastados das escolas, ou ao menos devem ser utilizados com mais cautela que até aqui; XXVI. Da disciplina escolar; XXVII. As instituições escolares devem ser de quatro graus, em conformidade com a idade e com o aproveitamento; XXVIII. Plano da escola materna; XXIX. Plano da escola de língua nacional; XXX. Plano da escola latina; XXXI. Da Academia, das viagens e da associação didática; XXXII. Da organização universal e perfeita das escolas; XXXIII. Dos requisitos necessários para começar a pôr em prática este método universal.

Como dissemos acima, iniciaremos a análise retórica a partir do capítulo V, capítulo que retoma princípios defendidos nos capítulos anteriores e cuja premissa fundamental é a de que o homem tem a necessidade de ser formado para que se torne homem. Neste trabalho de análise, para efeitos de destaque das analogias e metáforas encontradas, as disporemos no texto realçadas pelo itálico.

No capítulo V, já é possível verificar aquela que nos parece a metáfora que sustenta, justifica e consolida as demais metáforas e analogias do texto comeniano, visto que Comênio (1985, p.102), no item 4, afirma que o homem nasce apto a adquirir conhecimento e isto só é possível porque ele “*é imagem de Deus*”. Eis aqui a primeira metáfora. Um dos atributos de Deus é a omnisciência e o homem, estando entre as obras de Deus, diz Comênio (1985, p.103) elaborando uma analogia, “*tendo uma mente lúcida, como um espelho esférico, suspenso na parede de uma sala, o qual recebe a imagem de todas as coisas, digo, de todas as coisas que o rodeiam*”.

Mais adiante, no item 5, encontramos mais uma analogia, que alude à tese aristotélica de ato-potência:

A mente do homem que entra no mundo compara-se com muita razão a uma semente ou a um caroço, no qual embora não exista ainda em acto a figura da erva ou árvore, todavia, nele existe já de facto a erva ou a planta (...) (COMÊNIO, 1985, p. 104).

A analogia acima reforça a idéia de que não é necessário introduzir nada no homem a partir do exterior, mas fazer *germinar* o que ele já traz como *gérmen*. É reconhecido que o domínio ao qual Comênio recorre, para extrair suas analogias e

metáforas, é o domínio da natureza, portanto, será recorrente encontrarmos essas imagens extraídas deste domínio, o das “verdades naturais”, logo, para ele, divinas. Reforça-se essa tese quando Comênio (1985, p.105) nos diz que “o homem, conduzido pela natureza, pode aprender todas as coisas”.

Além de metáforas criadas pelo próprio Comênio (1985, p. 107), ele recorre a metáforas e analogias de filósofos, por exemplo, no item nove, diz que “Aristóteles *comparou a alma humana a uma tábua rasa*, onde nada está escrito e onde se pode escrever tudo”.

Finalmente, deste capítulo V, capturamos uma metáfora cujo domínio é o da mecânica, quando Comênio (1985, 112) diz: “A *válvula*, que abre e fecha o movimento, é a *razão*, a qual mede e determina que coisa, onde e até que ponto se deve abraçar ou afastar”. Sua preocupação aqui é firmar a ideia do poder que a razão tem em relação às emoções e às paixões humanas, sendo, portanto, a razão o instrumento ou como ele metaforiza, a *válvula* que controlará esses outros movimentos da alma.

Logo no início do capítulo VI, Comênio apresenta uma metáfora em relação à lavoura, quando associa sementes e frutos, dizendo que a natureza dá *as sementes* do saber da honestidade e da religião, mas não dá propriamente o saber. É a partir desta metáfora que todo o resto do capítulo se desenvolve. Para Comênio, o homem precisa ser formado para que se torne homem. Neste sentido, na natureza humana já residiriam *as sementes* do conhecimento, ou seja, seriam inatas ao homem as aptidões, porém para que estas dessem *frutos* de conhecimento, o homem deveria ser educado, sendo necessário ensinar-lhe, gradualmente, tanto no que diz respeito à essência quanto às ações.

No capítulo VII, Comênio permanece com suas reflexões embasadas em metáforas extraídas da natureza. Neste capítulo, especificamente, Comênio argumenta que o modo de desenvolver do *homem* é semelhante ao da *planta*, diz ainda que também o homem, por virtude própria, *crece* com feições humanas, mas não pode crescer animal racional, sábio, honesto e piedoso se, primeiramente, nele se *não plantam os germens* da sabedoria, da honestidade e de piedade.

No restante do capítulo importa a Comênio provar o porquê se deverá ensinar e educar (que seria chamado por ele de *plantação*), os homens nos primeiros anos de vida, tal como se faz com uma planta nova. Neste sentido, Comênio se explica com o fato de que enquanto são tenras, as crianças, se podem facilmente dobrar e formar, mas, uma vez endurecidas, já não obedecem. Ou seja, é na infância que o cérebro do homem está *inteiramente húmido e mole*; mas, depois, pouco a pouco, *seca e endurece*, de tal modo que nele mais dificilmente se *imprimem ou esculpem as coisas*.

Encontramos no capítulo VIII uma analogia que versa sobre a importância de se ter escolas, pois por ali ser possível ter um ajuntamento de indivíduos, o resultado é mais significativo e eficiente, em contraposição ao ensino feito em casa.

Finalmente, a natureza dá-nos, por toda a parte, o exemplo de que aquelas coisas que devem crescer abundantemente devem ser criadas em um só lugar. Assim, as árvores nas florestas, as ervas nos campos, os peixes nas águas, os metais nas profundidades da terra, etc., nascem em grupos (...) (COMÊNIO, 1985, p. 37).

A analogia acima reforça a ideia da necessária importância de se construir escolas e espaços educacionais, pois seria melhor educar em conjunto, para que quando a alguns o exemplo dado fosse recebido, este incitasse a outros. Além disso, ele reforça a ideia de que é na idade infantil o melhor momento para se conduzir com exemplos ao invés de regras.

No capítulo IX, Comênio utiliza a metáfora “*embebidos seriamente do saber (...)*”. Adiante há uma analogia sobre a importância do saber e ensino serem destinados a todos. Neste momento, o autor descreve-a da seguinte forma:

Deus constitui *órgãos* excelentes da sua glória. Imitemos, por isso, o sol celeste, que ilumina, aquece e vivifica toda a terra, para que tudo o que pode viver, verdejar, florir e frutificar, viva, verdeje, floresça e frutifique. (COMÊNIO, 1985, p.38).

Para ele, portanto, todos deveriam ter o direito de serem participantes da escola, fossem homens, mulheres, escravos ou livres. Diz, ainda, que, sobretudo “os débeis e estúpidos” não deviam ser excluídos da oportunidade de adquirirem o saber, pois com dedicação poderiam ser libertos da debilidade e estupidez. Para ilustrar ele faz nova analogia:

Certamente, da mesma maneira que um vaso esburacado, muitas vezes lavado, embora não conserve nenhuma gota de água, todavia, torna-se *mais liso e mais limpo*, assim também os débeis e os estúpidos, mesmo que nos estudos

não façam nenhum progresso, tornam-se, todavia, mais brandos nos costumes, de modo a saberem obedecer às autoridades políticas e aos ministros da Igreja. (COMÊNIO, 1985, p. 38).

Como tentativa de tornar seu discurso mais forte, Comênio argumenta que através de um estudo sistemático e obstinado, que levaria algum tempo, os que são considerados fracos podem adquirir capacidade de se sobrepor àqueles que eram considerados fortes, para tanto traz nova analogia:

Além disso, gostamos de ter nos pomares, não apenas árvores que produzem frutos precoces, mas também árvores que produzem frutos de meia estação, e frutos serôdios, porque cada coisa é boa no seu tempo(...). (COMÊNIO, 1985, p. 38).

Importa-nos demonstrar a respeito do capítulo X, que o autor passa este capítulo reforçando a ideia de que é possível ensinar tudo a todos. De modo que usa das metáforas *cultivar* e *iluminar*, para nos dizer que se deve ter o cuidado de cultivar as inteligências e trazer luz sobre elas. Faz uso, ainda, da metáfora *anfiteatro*, como sinônimo de escola. Enfim, traz-nos uma analogia da importância de se ensinar de tudo, pois a cada um será necessário certo conhecimento e deste resultará mais tarde um profissional.

Portanto, *assim como no útero materno se formam os mesmos membros para todo o ser que há de tornar-se homem, e para cada um se formam todos, as mãos, os pés, a língua, etc., embora nem todos venham a ser artesãos, corredores, escrivães e oradores, assim também, na escola, deve ensinar-se a todos, todas aquelas coisas que dizem respeito ao homem, embora, mais tarde, umas venham a ser mais úteis a uns e outras a outros.* (COMÊNIO, 1985, p.43).

Ao abordarmos o capítulo XI, o autor já nos apresenta uma metáfora, o que, para ele, deveria ser o objetivo da escola:

Chamo escola perfeitamente correspondente ao seu fim aquela que é uma verdadeira *oficina de homens*, isto é, onde as mentes dos alunos sejam mergulhadas no fulgor da sabedoria, para que penetrem prontamente em todas as coisas manifestas e ocultas (como diz o *Livro da Sabedoria*, 7, 21) (COMÊNIO, 1985, p.43).

Adiante, Comênio irá se esforçar para nos mostrar como as escolas têm sido, e como deveriam ser, estas seriam dinâmicas e atraentes, enquanto aquelas estavam se demonstrando obsoletas e demasiadamente duras. Neste ponto, o autor se utiliza da metáfora “*espantalhos*”, dizendo que para as crianças, as escolas conseguiam ter a mesma finalidade que os bonecos nas plantações, ou ainda “*câmeras de torturas*” das inteligências.

Para ele, o ensino poderia ser suave, porém é “enterrado e ensacado” violentamente. Ainda a respeito do método, o autor reafirma que os alunos, geralmente são “atulhados com palavras ocas (*palavras de vento e linguagem de papagaio*) e com opiniões que pesam tanto como *a palha e o fumo*”.

O que dizer sobre o capítulo XII? Iremos nos ater à metáfora feita no subtítulo: quarta objeção, onde se encontra a expressão “Da mesma maneira, se os jovens forem aguçados e “*polidos*”, estimular-se-ão e (...) . No capítulo XIII, temos como analogia principal, o ordenamento do relógio, citado da seguinte maneira:

E tudo *andar*á com não menor prontidão que um *relógio posto em movimento regular* pelos seus pesos. E tão suave e agradavelmente como é suave e agradável o *andamento de um tal autômato*. (COMÊNIO, 1985, p.55).

Comênio procura nos persuadir argumentando que a organização escolar deverá se assemelhar à organização que se tem nos relógios, onde há uma disposição perfeita de todas as peças, onde cada peça tem um papel determinado, e meios para desempenhar suas funções. Assim sendo, para ele, a arte de ensinar exigirá uma repartição do tempo, das matérias e do método.

No capítulo XIV, já na primeira alínea nos deparamos com uma metáfora, que sugere que sobre os quais, como sobre uma *rocha imóvel*, possa *edificar-se* o método de ensinar e de aprender. Como em toda sua obra, Comênio faz uso de referências encontradas na natureza. No capítulo XVI, não seria diferente. Encontramos o autor fazendo outra metáfora sobre o momento certo para o ensino, a saber: na *primavera das pessoas*. Para ele, a criança, enquanto está na primeira infância, não pode ser instruída, porque *a raiz* da inteligência está ainda *profundamente apegada ao chão*. Importa instruir na idade juvenil, quando o vigor da razão e da vida está em pleno *crescimento*. Assim, todas as faculdades crescem e *lançam profundas raízes*.

No capítulo XVII encontramos uma analogia referente ao funcionamento digestivo:

Portanto, cuidam mal dos interesses das crianças aqueles que as obrigam aos estudos pela força. Efetivamente, que podem eles esperar? Se o *teu estômago* não recebe os alimentos com apetite e tu o queres atulhar, não podem vir-te senão náuseas e vômitos, ou, pelo menos, uma *má digestão e dano para a saúde*. Ao contrário, qualquer que seja o alimento que metas num estômago famélico, ele digere-o bem e transforma-o cuidadosamente em quilo e em sangue. Por isso, dizia Isócrates: «Se gostas de aprender, aprenderás muito» [4]. E

Quintiliano escreveu: «A paixão de aprender depende da vontade, que não pode ser forçada»(COMÊNIO, 1985, p.73).

Diz-nos, também, sobre como o método deverá ser aplicado, com a metáfora “adoçar”, assim, para o autor, todas as inteligências deverão ser adoçadas, deste modo todas as coisas a serem apresentadas deverão sê-la de modo familiar e agradável.

Ademais, temos a analogia sobre os elementos que fundamentam o universo (água, fogo, ar e terra), utilizando-se deste conhecimento, Comênio nos diz que a instrução se concentra toda em pouquíssimos princípios. E que destes derivam-se os demais conhecimentos.

No capítulo VXIII, novamente temos analogias e metáforas que circulam pelos conhecimentos da agricultura, arquitetura e arte (pintura).

Aqui, pontuamos a alínea 3, do item 22: “de modo que dela brotem arroios como de uma fonte de água viva”, Comênio acabara de dizer que se deve abrir a inteligência à compreensão das coisas, utilizando para tanto a metáfora supracitada.

Adiante, falando-nos sobre o fato de que os estudos da vida inteira devem ser dispostos de tal modo que constituam uma enciclopédia, na qual nada se encontre que não tenha nascido da “raiz comum” e que não esteja “assentado” no seu devido lugar.

Há no capítulo XIX diversos exemplos de metáforas tais como: a boca do professor, usada como “fonte”, a atenção dos alunos, usada como “vaso” e “arroios do saber”. Encontramos, por exemplo, o seguinte: “Efetivamente, que são as palavras senão os invólucros e as bainhas das coisas?” Também citamos como exemplo de analogia o seguinte: “Efetivamente, quebrado ou cortado um ramo a uma árvore, os outros desenvolvem-se com mais vigor, pois toda a força passa para eles” (COMÊNIO,1985, p.101). Neste caso, esta metáfora servirá para exemplificar o caso de alunos que possuem deficiência em uma matéria, porém aqueles alunos compensarão em outra disciplina.

No capítulo XX já nos deparamos no subtítulo do item 2 com a metáfora: “A ciência é a visão da mente” e “A luz do saber é a atenção”. Em seguida, o autor nos apresenta sua explicação:

A ciência ou conhecimento das coisas, uma vez que não é senão uma “visão interna” das coisas, exige os mesmos requisitos que a observação ou visão externa, ou seja, os olhos, o objeto e a luz. Dados estes meios, segue-se a visão. Ora os “olhos da visão” interna é a mente ou engenho; o

objeto são todas as coisas colocadas fora e dentro da inteligência; “a luz” é a *devida atenção*. (COMÊNIO, 1985, p.102).

Mais adiante temos outro exemplo:

Não está nas mãos de ninguém receber uma inteligência dotada destas ou daquelas qualidades. Deus, a seu beneplácito, distribui estes “*espelhos da mente*”, estes *olhos interiores*. Está, todavia, em nosso poder não permitir que estes nossos espelhos se embaciem de pó e percam o seu brilho. (COMÊNIO, 1985, p.102)

E, em seguida, Comênio arremata:

Com efeito, *a neblina e outras coisas semelhantes, pouco consistentes, não brilham, e refletem-se demasiado debilmente no espelho; e as coisas afastadas não se refletem de modo algum. Portanto, os objetos que se quer fazer conhecer à juventude devem ser coisas, não sombras de coisas; e coisas sólidas, verdadeiras e úteis, que produzam boa impressão nos sentidos e na imaginação; e produzi-la-ão se se aproximam tanto que os impressionem.* (COMÊNIO, 1985, p.102).

A princípio encontramos no capítulo XXIII Comênio nos dizendo que importa metaforicamente, “*plantar*” as virtudes fundamentais, por ele chamadas de prudência, justiça, fortaleza e temperança. Para que, em uma metáfora explicativa o *edifício não seja levantado sem alicerces*, e para que as partes, não bem ligadas entre si, não assentem mal sobre as suas próprias bases. Deste modo, os indivíduos se desenvolveriam alicerçados com uma base de moral, que os conduziria por caminhos virtuosos.

Para ele, a virtude “*cultiva-se*” com atos, e não com palavras, pois, efetivamente, se num campo se não semeiam sementes boas, ele produzirá com certeza ervas. Aqueles que estão, conforme Comênio, mais próximos das crianças e jovens (pais, as mães, os professores e os discípulos) devem dar exemplos de vida disciplinada, que, como “*faróis*”, brilhem sempre diante das crianças, pois as crianças são “*macaquinhos*” impacientes, que a tudo imitarão.

No capítulo XXIV, Comênio afirma que pais e professores, com cuidado fiel, devem “*plantar e regar as arvorezinhas do paraíso*”, e é justo que estes entendam a razão do seu ofício. E continua argumentando que as primeiras coisas penetram profundamente e permanecem agarradas às primeiras coisas de que se “*embebe o virgem vaso da alma*”. Vemos, aqui, que os mais próximos deveriam estar atentos ao que dizer e fazer aos pequenos, para que as palavras e atitudes ensinadas fossem de acordo com a bíblia e que as fizessem já nos primeiríssimos anos de vida, para que os indivíduos se

assemelhassem aos homens bíblicos e que aqueles ensinamentos feitos tão cedo, pudessem criar raízes profundas.

Já no capítulo XXVI, vemos a analogia “*moinho sem água*” referindo-se à escola sem disciplina, querendo-nos dizer que assim como se tira a água a um moinho, ele pára necessariamente, assim também, se na escola falta a disciplina, tudo afrouxa. Há ainda outras metáforas, destacaremos apenas mais uma: “*intenção de edificar a todos*”. E ainda, para dar maior ênfase a sua teoria, ou em termos retóricos, para fortalecer sua argumentação, utiliza-se das seguintes analogias:

Do mesmo modo, se um *campo não é sachado*, logo nele nascem cizânia e outras ervas daninhas; se as *árvores não são podadas*, tornam-se selvagens e lançam rebentos inúteis.(COMÊNIO, 1985, p. 136).

Além desta, citamos a seguinte, feita a partir do Sol:

Um ótimo método de regular a disciplina é-nos ensinado pelo Sol, o qual *ministra às coisas que crescem*: 1. sempre, luz e calor; 2. freqüentemente, chuva e vento; 3. raras vezes, raios e trovões, embora estas coisas tenham também a sua utilidade. (COMÊNIO, 1985,p.138).

Vemos que o autor tomou o sol como figura de palavra, descrevendo que o sol está presente sempre, para uma espécie crescer, contudo, sua presença é alternada, à medida que a espécie de planta necessita de outras situações meteorológicas, tais como vento, chuva e etc.

No capítulo XXXI, encontramos a seguinte analogia:

Este colégio universal seria para as outras escolas o que o estômago é para os membros do corpo, ou seja, a oficina vital que a todos forneceria suco, vida e força. (COMÊNIO, 1985, p.157).

Encontra-se no capítulo XXXII uma vastidão de possibilidades para exemplificar o quanto Comênio utilizou analogias e metáforas. Contudo, seguem três exemplos que, para efeitos de nossa análise, são os últimos:

O papel é bom, seja qual for a sua natureza; no entanto, *quanto mais puro for, tanto mais nitidamente recebe e representa as coisas impressas*. Assim também o nosso método admite todas as inteligências, mas faz progredir melhor as que são mais brilhantes.(COMÊNIO, 1985, p. 159).

Efetivamente, em primeiro lugar, assim como é necessário *fundir, polir e adaptar os tipos*, antes de se começar a impressão dos livros, assim também é necessário *preparar os instrumentos do novo método*, antes de começar a pôr em prática esse novo método.(COMÊNIO, 1985, p.159).

Depois de impressas as *folhas, expõem-se ao ar e ao vento, para que sequem*. Na escola, *faça-se a ventilação das inteligências por meio de repetições*, de exames e de

«sabatinas», até que se tenha a certeza de que todo o programa se fixou na mente dos alunos. (COMÊNIO, 1985, p.161).

Aristóteles, em seu tratado *Retórica*, no Livro III, capítulo 10, ensina-nos que a aprendizagem se torna fácil e prazerosa quando utilizamos palavras agradáveis, estas favorecem o conhecimento proporcionando o aprendizado significativo. Existem palavras que não conseguimos explicar seu significado, entretanto, a metáfora tem a função de tornar próximo, palpável, compreensível algo que não conseguimos explicar. Ela faz o transporte do inexplicável para o compreensível, do inanimado para o animado. A metáfora dispõe o objeto diante dos nossos olhos, à expressão diante dos olhos representa uma ação. A metáfora também é um argumento, porque condensa uma analogia, elas, analogia e metáfora, constituem a linguagem e o pensamento do homem, estando presentes em todos os discursos, desempenhando operações cognitivas de transferência de significado, como uma substituição de uma palavra por outra ou como uma comparação abreviada.

Nietzsche, em seus *Escritos sobre Retórica*, tal como analisou Rosana Suarez (2000), mostrou que a linguagem é a “primeira metáfora”, que possibilita ao homem construir todas as coisas que estão dentro da sociedade (arte, ciência, religião, etc). Tudo que existe dentro da vida social é metáfora e, conseqüentemente, interpretação. A metáfora é compreendida como a “mãe de toda a linguagem” e o uso que faz da metáfora desestabiliza conceitos já fixos. A linguagem metafórica revela a natureza do conhecimento como mais próxima da interpretação do que da explicação.

A metáfora, para Nietzsche, é vista como uma forma ou, talvez, a única forma do ser humano se aproximar da linguagem e, simultaneamente, poder construir e destruir objetos dentro da vida social. Com isso, a existência e a vida social só podem ser pensados enquanto metáforas. Neste sentido, se o homem deseja ter uma experiência com a linguagem, essa experiência só é possível mediante a metáfora. Quando essa experiência com a linguagem comporta o desejo de ensinar, a possibilidade de que ela aconteça mediante metáforas continua se revelando como necessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apresentar neste artigo nossas reflexões acerca da retórica contida no Tratado de Comênio. Para tanto, recuperamos diversas informações sobre a retórica e didática, que nos ajudaram a compreender as metáforas e analogias contidas em seus escritos. Os motivos que nos levaram a explorar o campo dos discursos consideraram varias questões, tais como: Quais as maneiras assertivas de se comunicar e se fazer entender? Mais ainda, como falar e convencer quem me ouve? Essas, entre outras reflexões, foram as perguntas que nos moveram em direção ao estudo da retórica.

Para solucionar essas questões, encontramos na disciplina “Retórica e Educação” oferecida pela Profa. Dra. Rita Pimenta, do departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, subsídios, aportes teóricos e uma orientadora de excelência para o desenvolvimento deste trabalho.

Desenvolvemos, neste trabalho de conclusão de curso, o tema da relação entre Retórica e Didática. Para chegarmos à *Didática Magna* de Iohannis Amos Comenius, traçamos um percurso risomático, o que oportunizou a exploração de diferentes obras.

Fizemos algumas pesquisas e destas, resumos de alguns capítulos contidos em obras que dissertavam a respeito de didática e liderança: Ensino e técnica; Didática: aprender e ensinar; A didática da Reforma; Didática Geral e o Processo Didático.

Após os resumos de tais obras, obtivemos conhecimento sobre a comunicação oral no processo de aprendizagem. Ademais, conhecemos o professor facilitador de pensamentos, aquele que consegue ensinar os alunos a capacidade de análise crítica sobre os mais variados contextos sociais, e, por fim, identificamos o papel de líder, próprio dos educadores que, no decorrer de sua profissão, exercem papel ativo de liderança, haja vista que sua função consiste em conduzir os indivíduos, apresentando conteúdos e formas de pensar.

Analisamos também a excepcional obra de Oliver Reboul, chamada *Introdução à Retórica*. Neste encontro com a Retórica de Reboul, o autor nos proporcionou detalhes valiosos sobre a construção desta ferramenta linguística: a arte de convencer pelo discurso; tão usada coloquialmente e espontaneamente, porém, tão pouco trabalhada e desenvolvida. Entender como esse mecanismo tão sofisticado, concernente a nós seres

humanos, foi algo fascinante. Observar como ele é tão usado e pouco percebido é preocupante.

No decorrer do percurso traçado para este artigo, contemplamos a história da retórica através dos séculos, seu nascimento na Grécia, os anos dourados de eloquência e prestígio com a técnica retórica, que possibilitava defender qualquer causa e qualquer tese, e, posteriormente, chegamos à invenção da teoria da retórica, com contribuições de Córax, Górgias, Protágoras, Isócrates. Além disso, presenciamos em Platão, o primeiro momento do declínio da retórica, pois, para ele, se não se pode colocá-la como verdade, como ciência ou como justiça, não teria poder para nada.

Vimos também que Aristóteles defendeu a retórica, dizendo que ela era algo útil, se pautada em argumentos coesos, com silogismos implícitos e ou entimemas.

Mesmo no seu declínio, contribuindo para ele o Renascentismo, Descartes, os empiristas, o Positivismo e, por fim, o Romantismo, vimos que dos assuntos menos pautados, a retórica, sempre foi a técnica mais presente, pois se apresentava como a principal ferramenta de seus principais adversários que, se por um lado a descartavam como saber filosófico, por outro, a utilizavam constantemente como elemento indissociável de seus discursos. Portanto, quando pensavam que a estavam colocando de lado, mais presente ainda ela se fazia, pois ela é intrínseca à comunicação. É exatamente isso que a torna, para nós, tão especial e desejada. Sua presença está constantemente em nosso meio. Neste sentido, a presença da retórica está para a didática assim como o óleo está para o motor. O seu funcionamento, a sua manutenção e a sua fluidez estão intrinsecamente dependentes deste componente sem o qual qualquer tentativa de operação implicará em atrito e desgaste de baixa eficiência. Cumpre, portanto, à retórica facilitar para a didática o desempenho de sua missão, qual seja: a transmissão e a perpetuação histórica do conhecimento.

A retórica aciona uma série de elementos da inteligência humana. O mesmo indivíduo que aprende por meio das palavras que ouve e lê, aprende da realidade também o que sente afetiva e fisicamente. Toda experiência sensitiva é porta de entrada do conhecimento para a consciência individual e coletiva.

Dizem que o melhor de algumas viagens não é apenas o destino e sim o trajeto, e aqui podemos, sem dúvida alguma, reforçar esta ideia. Depois de encontros tão agradáveis com diversas obras, chegamos ao nosso destino final, Comênio, considerado o pai da Didática. Do seu tratado *Didática Magna: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*, retiramos de cada capítulo da obra, algumas metáforas e analogias expressas no seu discurso, utilizadas no amparo da defesa de uma didática universal.

Aprendemos que as metáforas e analogias formaram um suporte sistêmico que possibilita a coordenação de padrões mentais a partir de outro, já aceitos e assimilados, isto é, permite a reconstrução de conhecimentos, a imagem ou semelhança de outros.

Acabamos de ver a função didática das metáforas e analogias, pois Comênio, como especialista da educação que era, se apropriou de termos de outros domínios, não apenas por eles terem um poder evocativo acentuado e, portanto, facilitarem a comunicação, mas porque são também instrumentos que agilizaram o processo de apropriação e interpretação de sua teoria.

As metáforas e analogias importaram dos conceitos de origem, as características para contribuírem na organização do novo conceito. Tal ação, colabora na construção de um discurso eficaz para Comênio, haja vista que a defesa de sua sustentação foi adaptado ao público e à causa.

Por fim, constatamos que o uso de metáforas e analogias não somente aqui, mas em qualquer outro tratado, defesa, literatura, discurso ou atuação prática do professor ou ainda de um líder, formam a expressão de uma competência retórica e, conseqüentemente, pedagógica, que aproxima duas realidades distintas, favorecendo a construção do conhecimento e o processo de ensino e de aprendizagem de tal modo que, de uma concepção de parábola, a metáfora passa a ser a solução do enigma e, então, reconhecemos sua função heurística, em resumo uma função de descoberta.

Foi extremamente importante desenvolver este trabalho, pois a partir dele é possível identificar o porquê de alguns discursos serem mais emocionantes, outros tediosos, alguns complexos, outros motivacionais, enfim, é possível perceber que através das palavras, atitudes, figuras e estratégias certas é possível dizer e motivar ou

não quase tudo, ou seja, já é possível estar mais atenta às persuasões sutis que os variados discursos carregam

Fazer exercícios semelhantes a este, isto é, analisar um discurso, no caso o discurso de Comênio, mostra-se como uma excelente ferramenta educacional, o que não seria nenhuma novidade, pois tal exercício já é uma prática pedagógica tradicional, em todo o período de high school, por exemplo, no sistema educacional americano.

Deste modo, tal exercício possibilita desenvolver nos alunos a capacidade de ampliar suas perspectivas dos discursos que nos cercam e das variadas estratégias utilizadas na construção dos discursos, tais como suas diversas funções: persuasiva, hermenêutica, heurística e pedagógica.

REFERÊNCIAS

ARISTOTÉLES. **Retórica**. Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; vol 1, São Paulo, 2015.

BECCHI, Egle. **Retórica da infância**. In: Perspectiva, Florianópolis, n.22, agosto/dez. de 1994:63-95.

CARVALHO, Irene Mello. **O processo didático**. Editora Fundação Getulio Vargas: São Paulo, 1974.

COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**: Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos. Introdução, Tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes. 3. Edição. Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

FIGUEIREDO, Ruy Santos Figueiredo. **Ensino: sua técnica, sua arte**. Editora Lidador: São Paulo, 1967.

PIMENTA, Rita. **A função pedagógica da retórica**: a racionalidade que negocia distâncias. In: Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Ano 9, n. 14, jan./jun.2015. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANT'ANNA, Ilza Martins e MENEGOLLA, Maximiliano. **Didática: aprender a ensinar**. Edições Loyola: São Paulo, 1991.

SUAREZ, Rosana. **Nietzsche e os cursos sobre a retórica**. O que nos faz pensar (PUC - Rio) Rio de Janeiro - RJ. n° 14. 2000.